



A contemplação dominicana na contemporaneidade

*Frei Paulo Sérgio Cantanheide
Retiro da Província 14 -17 /07/2014*

As duas reflexões que me precederam trataram da contemplação dominicana em momentos cruciais da história da Ordem, quando Frei Estevam Nunes nos apresentou São Domingos como a grande referência apostólica diante da crise enfrentada pela Igreja na Idade Média e Frei Carlos Josaphat que deu ênfase à experiência de Bartolomeu de Las Casas e os primeiros dominicanos que chegaram à América na aurora da modernidade. É importante lembrar que os dois momentos históricos trabalhados anteriormente apresentam mudanças de paradigmas sócio-culturais que culminaram em crises eclesiais nas referidas épocas.

Agora estou eu aqui para falar da contemplação dominicana nos dias atuais ou na aurora da pós-modernidade como preferem alguns. Momento de mudança de paradigmas não menos intensa do que o medieval dos primórdios da Ordem ou o da chegada dos dominicanos na América espanhola. Tal como nos períodos anteriores, Atualmente, verifica-se a conjuntura de crise não apenas no interior da Igreja, mas nos diversos setores da sociedade e nos diferentes âmbitos da cultura.

Desde o início deste século já ouvimos falar em uma crise ecológica que, dentre outros problemas, alerta para a gravidade do desmatamento, a escassez de água potável e o super aquecimento da esfera terrestre; uma crise alimentar em que a concentração da atividade agrícola na produção de monoculturas dificulta a produção diversificada de alimentos; uma energética devido o difícil acesso às fontes petrolíferas e a corrida às energias renováveis; uma crise econômica manifesta nas diversas partes do mundo, inclusive, em alguns países da Europa e a crise do mercado de trabalho com o aprimoramento das máquinas, a demanda por novas especializações e escassez de postos de trabalhos.

Além disso, assistimos um processo de transformação do modelo familiar por meio da flexibilização da união conjugal tradicional e pelo surgimento de uniões homossexual que vêm adquirindo aceitação por parte de uma considerável parcela da população mundial.

É visível na contemporaneidade a rejeição que sofrem as instituições políticas, militares e eclesiásticas. No Brasil isso pôde ser constatado claramente nas manifestações de julho de 2013 quando os manifestantes apresentavam seus descontentamentos e se recusavam a dialogar com políticos e militares.

Já a resistência às instituições religiosas aparece com bastante frequência nas redes sociais e, sobretudo, na maneira pela qual as pessoas procuram realizar suas experiências religiosas hoje, ou seja: sem vínculos com as instituições, migrando de uma experiência à outra com muita facilidade. Talvez esses sinais sejam indicativos para que as referidas instituições pensem sobre a necessidade de passarem por um processo de reforma em suas estruturas, a fim de melhor interagir com os homens e as mulheres da contemporaneidade.

Diante do exposto, fica evidente que para trabalharmos a espiritualidade dominicana na atualidade, antes devemos tentar compreender essa realidade e indagar quais as implicações da mesma para nossa espiritualidade. Em nossa assembléia provincial de 2013 o dominicano uruguaio Frei Luiz Carlos Bernal apresentou um belíssimo trabalho no qual tentava discorrer sobre alguns dos principais dramas humanos na atualidade. Para Bernal dentre as principais características da cultura contemporânea está o seu caráter não transcendental, a preponderância do ter sobre o ser, o imediatismo e a efemeridade das experiências. Ao utilizar a imagem de um naufrágio para descrever a aventura existencial do homem pós-moderno, concluiu:

“Vivemos em um tempo em que o mundo é descuidado e o homem é desprestigiado. Estamos em tempos semelhantes à experiência de um naufrágio. Quando falo de um naufrágio vejo que em um naufrágio há distintas experiências de perigo, de falta de segurança, onde todos correm risco de cair. Essa situação ocorre em todos os movimentos, em todas as pessoas, ocorre na vida. Em um naufrágio todos querem sobreviver e por isso procuram um equilíbrio. Alguns querem salvar-se individualmente e outros propõem que salvemo-nos juntos, buscando o equilíbrio juntos. É importante não confundir equilíbrio com utilitarismo”.

A imagem de naufrágio apresentada por Bernal é traduzida, na análise de alguns estudiosos como uma conjuntura de crise, conforme relatado anteriormente. Para uns a tal crise aparece como uma mera transição de época, outros a vêem como um período oportuno para a realização de mudanças e transformações nas principais instituições da cultura ocidental. Para os mais pessimistas trata-se de uma crise terminal. Diante disso, advertimos que está última não deve ser a tônica de nossa pregação dominicana, pois pregamos para conversão e, por isso mesmo, nossa mensagem deve suscitar a esperança.

Para Albert Nolan (Dominicano sul africano que escreveu um livro chamado Jesus hoje: uma espiritualidade de liberdade radical) a expressão mais grave dessa conjuntura de crises é a crise de sentido que assola a existência do homem contemporâneo. Nolan identifica a tirania do trabalho e o imperialismo do ego como bases de consolidação da crise existencial contemporânea. O dominicano da África do sul se solidariza a Bernal ao constatar o estado de incerteza e insegurança que toma conta da contemporaneidade e destaca que muitos recorrem ao próprio

fundamentalismo religioso como forma de escapar dessa realidade angustiante.

O autor constata ainda uma sede de espiritualidade latente presente na vida dos homens e mulheres do nosso tempo, porém, essa busca de espiritualidade nem sempre convergem com uma adesão à determinada instituição religiosa.

Na minha experiência de aproximação ao meio acadêmico brasileiro, onde pregar o ateísmo às vezes se confunde com a defesa de um status acadêmico, tenho encontrado muitos professores universitários que apresentam uma carcaça racional e anti-religiosa de início, mas depois de conhecê-los descobrimos criaturas frágeis e em busca de algo que lhes apresentem um sentido maior para suas vidas.

Essa falta de sentido que não raras vezes se manifesta na vida das pessoas é uma das causas dessa sede de Deus que hora presenciamos. Além disso, creio que devemos nos perguntar também pela experiência histórica percorrida pela cultura ocidental no âmbito da produção de sentido e da construção de utopias.

O historiador alemão Reinhart Koselleck, em seu livro “Passado futuro”, tenta dar uma contribuição ao significado dos tempos históricos construídos no processo de consolidação da cultura ocidental. Ao trazer um novo paradigma historiográfico em substituição a antiga *Historia Magistrae*, a historiografia de Koselleck apresenta a experiência do tempo presente como lugar de construção do horizonte de expectativa para o futuro. O autor recorda que em algumas experiências do passado o horizonte de expectativa construído foi de caráter apocalíptico, como no período das primeiras comunidades cristãs que esperavam a eminente volta do Cristo ou na idade média cujo horizonte de expectativa era o juízo final.

Com a modernidade o horizonte de aspiração da cultura ocidental desloca-se para o progresso prometido pela ciência e mais tarde garantido pela tecnologia. Porém, a pós-modernidade assiste o fracasso do progresso técnico-científico, enquanto meio superação dos problemas estruturais da sociedade e convive com as ameaças do acelerado processo de degradação ambiental. Com isso conclui-se que o horizonte de expectativa da contemporaneidade volta a ser um horizonte de caráter apocalíptico. Soma-se a isso, o fato da mensagem apocalíptica de nossa era ser sustentada antes por discursos de cunho científico do que pelos fanáticos das religiões como acontecia no passado. Para uma civilização que se constituiu adotando a ciência como critério de verdade, isso é no mínimo pavoroso. Aprendemos com a tradição da Ordem que a contemplação dominicana ocorre simultaneamente em dois atos, a saber: na escuta atenta da palavra de Deus e no encontro sensível com as pessoas. De forma que, para refletir sobre a contemplação Dominica hoje, inevitavelmente, nos deparamos com as seguintes questões:

Como essas características da cultura pós-moderna influenciam em nossa contemplação, seja condicionando ou potencializando, a escuta atenta e a pregação da palavra de Deus?

Que homens e mulheres, marcados pelos traços culturais da contemporaneidade, os dominicanos e dominicanas encontram na missão? Quais são os valores, os anseios e as angústias, que nos são apresentadas pelas pessoas do tempo presente e que respostas estamos dando para essas pessoas?

Essas são as questões que tentaremos abordar nessa breve reflexão.

Uma palavra sobre a materialização da prática contemplativa hoje.

Não resta dúvida que o desenvolvimento tecnológico, ao ampliar o aproveitamento do tempo e eliminar a dificuldade de contato entre os espaços distantes, aumenta também as possibilidades de um efetivo olhar contemplativo sobre o mundo. A cultura da Informação e da comunicação não só facilita nosso contato como o mundo em tempo real como agiliza a emissão e difusão de nossas mensagens para o mesmo.

Hoje, o grande desafio frente o processo de desenvolvimento tecnológico está em aproveitar as potencialidades que a tecnologia apresenta para a contemplação e a missão sem se deixar engolir pelo ritmo frenético imposto pelo sistema de poder da pós-modernidade.

A internet, as redes sociais, as bibliotecas virtuais, a telefonia celular... são ferramentas indispensáveis para a nossa vida de estudo e oração, bem como para a pregação da palavra de Deus. Temos como exemplo a nossa própria experiência, nos últimos três anos, a frente da Paróquia da Catedral da Cidade de Goiás, quando, mesmo na coordenação de uma paróquia com 19 comunidades, conseguimos escrever uma dissertação de mestrado, ser aprovado em um concurso público para docência universitária e lecionar em um campus universitário de uma cidade vizinha. Certamente há alguns anos atrás esse feito seria impossível. Pois reconhecemos que, nossa experiência, isso só foi possível graças a um computador conectado à internet na cela conventual.

Contudo, reconhecemos também que essa realidade multimídia pode se constituir em um espaço, onde consumimos a maior parte de nosso tempo com sensacionalismo, banalidades e futilidades. Diante disso, não resta dúvida que precisamos considerar a necessidade de assumirmos uma postura ascética no que tange o acesso à realidade virtual, a fim de que possamos melhor aproveitar o potencial das mídias para o crescimento da vida contemplativa e missionária.

O outro aspecto que gostaríamos de destacar sobre a experiência concreta da contemplação é a prática orante propriamente dita.

Thomas Merton nos lembra que a oração contemplativa do monaquismo primitivo exigia uma concentração para a acolhida da Palavra a ponto desta transformar o coração, buscava-se uma integração entre a vontade de Deus, expressa em sua Palavra, e o coração do orante. O principal fruto desse modelo era estreitar os laços de amizade com Deus. Porém, em determinados momentos da história a preocupação em estruturar esse modelo de oração a converteu em uma técnica quase esotérica.

Vemos que em nossos dias também a busca espiritual, não raras vezes, convive com certo tecnicismo pragmático em busca de resultados imediatos; a isso, deve-se aos constantes equívocos entre técnicas de auto-ajuda e espiritualidade. Em seu livro: “A oração contemplativa”, Merton exorta que a preocupação primeira da vida contemplativa não é buscar método, técnica ou sistema, senão cultivar uma atitude, uma visão geral feita de Fé, atenção, reverência, súplica, confiança e gozo. Separar a meditação da oração, da leitura e da contemplação é falsificar a experiência original da oração Monástica (Meditácio, Lectio, Oracio, Comtemplacio).

Segundo Felicissimo Martinez, em seu livro Domingos de Gusmão: o Evangelho vivo, nós dominicanos herdamos o que havia de melhor na tradição monástica e a acrescentamos um ingrediente especial, o apostolado. Portanto, a preocupação de Merton é também nossa, pois sem a escuta, interiorização e reflexão da palavra de Deus como motivação para o apostolado não há contemplação dominicana.

A recepção e emissão de mensagens rápidas, uma das principais características do nosso tempo, deve ser acolhida como um fator importante diante da necessidade prática que temos de fazer fluir os processos comunicativos, porém, na perspectiva da espiritualidade dominicana, isso jamais poderá substituir uma atitude de escuta necessária e indispensável para a análise da realidade e a contemplação da vontade de Deus. Diferentemente do fluxo contínuo de informação a atitude de escuta contemplativa demanda tempo, aprofundamento e paciência.

A dinâmica do Reino de Deus e o imediatismo utilitarista da contemporaneidade: Uma relação antagônica.

Realizar a experiência contemplativa no mundo hodierno, conforme a tradição da ordem, supõe caminhar na contramão de algumas tendências que prevalecem na cultura pós-moderna. Pois aprendemos da própria tradição bíblica que a acolhida, o anúncio e os efeitos da Palavra de Deus na vida humana acontecem por meio de uma atitude de gratuidade, enquanto a dinâmica do sistema que impulsiona a cultura pós-moderna exige cada vez mais das pessoas a preponderância de uma postura de produtividade e lucratividade em escalas de tempo cada vez menores.

O dom da paciência é presença indispensável para aqueles que querem viver a dinâmica do Reino revelado na Palavra. Para entender melhor tal dinâmica recorreremos à própria Palavra.

A Palavra de Deus acolhida na fé atua em nossa vida em forma de revelação divina. Independente das circunstâncias históricas e das variações de tempo e espaço a sabedoria inerente à Palavra nos transmitirá uma mensagem de esperança sempre atual. Passarão o céu e a terra mais a minha Palavra não passará (Mt 24, 35).

Uma das coisas magníficas das Sagradas Escrituras é que o encontro da Palavra de Deus com a palavra humana ocorre em uma relação de ajuda mútua. A palavra de Deus está a serviço da humanidade, a fim de conferir sentido à experiência existencial do ser humano. A palavra humana, por sua vez, coloca-se a serviço da Palavra de Deus para que está seja conhecida, amada e praticada.

A Palavra de Deus é portadora da sabedoria divina e possui força própria, conforme nos alerta o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*:

“A Palavra possui, em si mesma, uma tal potencialidade, que não a podemos prever. O Evangelho fala da semente que, uma vez lançada à terra, cresce por si mesma, inclusive quando o agricultor dorme (cf. Mc 4,26-29). A Igreja deve aceitar esta liberdade incontrolável da Palavra, que é eficaz a seu modo e sob formas tão variadas que muitas vezes nos escapam, superando as nossas previsões e quebrando os nossos esquemas” (E.G, no 22).

Vemos que, na sua ação transformadora, a Palavra independe do humano, porém, conta com a participação do humano que ao entrar em contato com a sabedoria divina se enriquece de tal modo a ponto de transformar a si mesmo e contribuir para a transformação da humanidade como um todo.

A palavra de Deus alcança a totalidade do humano podendo torná-lo pleno, atribuindo-lhe poder e força; já a palavra humana verdadeiramente sábia se rende ao mistério da divindade e reconhece os seus próprios limites. Vê-se, portanto, que o poder adquirido na experiência da Palavra reveste a pessoa humana de uma humildade que lhe possibilita trilhar um caminho mistagógico que a leva à contemplação da face divina, experiência que as palavras não conseguem descrever.

Nesse momento, as palavras cessam e o Espírito age. “O espírito vem em auxílio de nossas fraquezas, pois nem sabemos o que convêm pedir; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis.” (Rm 8, 26-27)

Percebemos que a escuta atenta e a prática da Palavra são caminhos que nos conduzem a Deus e fazem a vida Dele resplandecer em nós. Por esse motivo as Sagradas escrituras nos apresentam a Palavra de Deus em forma de imagens naturais que expressam com clareza e dinâmica da Vida. O profeta Isaias, para transmitir esperança ao povo sofrido do exílio a partir da Palavra, comparou-a com as águas das chuvas que, quando descem à superfície não retornam às nuvens antes de provocar na terra as condições de possibilidade para o desenvolvimento da vida. (Is,55, 10-11).

Assim como as águas da chuva prestam um serviço à terra e retornam ao seu local de Origem, a Palavra de Deus vem até o ser humano ilumina sua mente, sensibiliza seu coração e retorna para Deus. Nisto consiste a grandeza do profeta: preservar a consciência que a força transformadora que emana do anúncio da palavra não fica retida nele, mas deve retornar a Deus, sob pena da profecia se tornar uma vaidade pessoal.

No Evangelho, Jesus lança mão da imagem da semente para novamente comparar a dinâmica da Palavra ao movimento da vida. A semente é uma porção

material insignificante aos olhos humanos, mas que concentra todos os elementos necessários para a proliferação da vida desde que receba cuidados e seja lançada em um terreno fértil pelo agricultor. Jesus conta a parábola do semeador para nos ensinar que a postura do cristão diante da palavra deve ser de acolhida e anúncio. Ora somos a terra que recebe as sementes, ora somos semeadores que anunciamos a vida e denunciemos as estruturas de morte.

Espírito e coração são terrenos fecundos para a acolhida da palavra, essas dimensões do ser, quando devidamente aradas e irrigadas pela oração, acolhem a Palavra e geram frutos de sensibilidade, paciência e senso de justiça que culminam na prática da caridade.

Outro espaço privilegiado para a acolhida da palavra é mente. A inteligência humana exercitada sob a luz e orientação da Palavra de Deus produz frutos de discernimento e sabedoria. Na parábola do semeador, em linguagem fácil, Jesus transmite um ensinamento espiritual profundo, fica claro que a tônica da espiritualidade cristã consiste na preparação do Espírito, da mente e do coração para Deus por meio da interiorização de sua Palavra.

Por isso, Jesus nos exorta a estarmos atentos às diferentes condições existenciais, históricas e sociais que impedem a efetiva germinação da palavra em nós. Hoje, mais do que em qualquer outro período da história, a palavra nunca foi tão difundida e escutada, mas, paradoxalmente, talvez nunca tenha sido tão pouco interiorizada e praticada. Multiplicam-se o número de Igrejas e movimentos espirituais.

As tecnologias da informação e da comunicação também são colocadas a serviço do anúncio da palavra, porém, a mesma eficácia tecnológica utilizada pelas igrejas para o anúncio da Palavra é centenas de vezes maior quando colocada a serviço do consumismo, do sensualismo e do sexismo que marcam a cultura contemporânea.

Como semeadores somos chamados, antes de tudo, a exercer a virtude da paciência, uma dos frutos gerados em nós quando acolhemos a palavra. A semeadura, na perspectiva da Evangelização, deve acontecer na gratuidade sem a pretensão de colheitas imediatas e abundantes. É comum encontrarmos aqueles que estão a serviço da evangelização, enfurecidos com as sementes que ficaram à beira do caminho, que caíram em terrenos pedregosos ou que germinaram entre os espinhos. A displicência e o desinteresse que alguns demonstram diante da Palavra, não devem desanimar os discípulos e profetas do reino, pois a pequena porção de semente que cair em terra boa produzirá muitos frutos.

Paciência, perseverança e misericórdia devem ser virtudes primordiais na vida daqueles que semeiam a Palavra. O terreno que não acolheu a palavra de imediato não deve ser desprezado e abandonado, mas deve ser cuidado para que no futuro a semente possa germinar. Podemos atribuir o desfecho da Parábola do semeador a um Deus castigador disposto a condenar os corações que não acolheram a palavra ou a um Deus misericordioso semelhante a um agricultor que cuida da terra sofrida, a fim de que ela venha dar bons frutos. Esse segundo certamente se identifica mais com o Deus de Jesus Cristo que tem mais interesse

em Perdoar e libertar que em julgar e condenar.

Em tempo de mudança de paradigma é muito comum presenciarmos um descompasso entre a ação de alguns sujeitos sociais e as normatizações que regulamentam as instituições. Além disso, normalmente o processo de mudança dos marcos regulatório, emperrados pela burocracia institucional, não conseguem acompanhar as mudanças de atitude, de comportamento e mesmo de identidade que ocorrem no cotidiano da vida. De forma que, uma das dificuldades que enfrentamos no trabalho pastoral na atualidade é que diante de algumas situações controversas e polêmicas envolvendo indivíduos e instituições, procuramos, antes recorrer à normativa institucional a acolher os filhos e filhas Deus de forma misericordiosa.

Recordo aqui o caso de um sacerdote que, supostamente, abençoou uma união homossexual; o fato caiu nas redes sociais e o bispo diocesano o suspendeu de Ordens. Esse é o típico caso de problema pastoral de nosso tempo. Longe de entrar na polêmica imediata de atribuir razão ao padre ou a seu Bispo, gostaria de apresentar outro olhar sobre a questão.

Da maneira como tenho percebido as relações sociais e religiosas do nosso tempo, honestamente, devo dizer que esses não foram os primeiros e nem serão os últimos homossexuais a pedir uma bênção da Igreja. A crédito também que essa não foi a primeira vez que um padre católico abençoou casa, objetos ou mesmo a união de homossexuais. Diante disso, a pergunta que mais me instiga é a seguinte: Porque homossexuais pedem a bênção da Igreja? Será se é só em sentido de afronta a uma instituição que nunca os aceitou no que tange a vivência de sua sexualidade? Também, honestamente, acredito que não, pois quando uma pessoa pede uma bênção existem outros elementos de caráter intrínseco e subjetivo que não podemos deixar de considerar.

Todos nós que somos padres sabemos o quanto é difícil negar uma bênção; às vezes até cometemos o erro de nos afastar das pessoas que não estão afinadas com a legislação eclesial a fim de evitarmos problemas para nós. Aproximar-se das pessoas, independentemente de sua condição perante as leis civis ou religiosas, é repetir um gesto constante de Jesus nos Evangelhos. Por outro lado, é importante lembrar que as atitudes de Jesus diante de situações que provocavam controvérsias frente à doutrina de plantão na religião judaica, eram atitudes pautadas na descrição que um bom discernimento exige, como: Vai e apresenta-te ao sacerdote do templo! Vá e não contes nada a ninguém (Mc 1, 44).

Talvez o grande pecado cometido no caso mencionado tenha sido justamente esta falta de discernimento e discricção evangélica que levou o que poderia ser uma experiência de Deus a se tornar um objeto de sensacionalismo midiático muito próprio de nosso tempo.

Nós da Igreja podemos até impedir o acesso de pessoas às celebrações e sacramentos, porém, jamais poderemos julgar se elas fazem uma verdadeira experiência de Deus ou não. Uma atitude de acolhida e escuta que possibilite as pessoas manifestar seus anseios espirituais, bem como suas angustias existenciais

é o primeiro passo para que a Igreja esteja em diálogo com os dramas humanos do tempo presente. A normativa canônica vem depois, uma vez que esta segue seu próprio tempo histórico e institucional. Como bem nos lembra o Papa Francisco, é na misericórdia para como os filhos e filhas de Deus que deve está concentrada a nossa ação evangelizadora primeira.

Mais uma vez somos convidados ao exercício da paciência diante da lenta transformação da estrutura da Igreja que nem sempre é sinônimo de conservadorismo e apego ao poder, mas pode ser sinal de discernimento e prudência em tempos de insegurança e incerteza no âmbito da cultura global em curso. Contudo, jamais podemos deixar de apostar na graça misericordiosa de Deus como ação dialógica que não discrimina, mas acolhe a todos. Nesse sentido, devemos ser sinal de alerta a instituição que, não raras vezes se vê tentada a preocupar-se antes com a conservação de suas estruturas do que em usar de misericórdia para com os filhos e filhas de Deus.

Voltamos, portanto, ao dom da paciência encarnado na imagem do semeador. Ele espera a estação certa para semear, espera o tempo que a semente leva para germinar, espera a planta desenvolver-se e espera o tempo da colheita. A analogia entre a dinâmica do anúncio da palavra e a dinâmica do plantio se expressa na paciência que ambas as atividades exigem. O compromisso do discípulo é com o anúncio e o testemunho da Palavra, os frutos são obras de Deus na sua capacidade de transformar os corações em seu tempo. Compreendamos a expressão “anúncio da palavra” não apenas como pregação de cunho estritamente religioso, mas antes como toda comunicação que contenha uma sabedoria bem intencionada e direcionada para a promoção da vida e do entendimento entre os humanos.

Mas a Palavra de Deus, a nós revelada por Jesus Cristo, deve ser a referência e inspiração de nossas palavras. A força de nossas palavras sem a orientação da Palavra de Deus pode gerar tragédia, intriga e violência. Os grandes erros que a maioria de nós já cometeu na vida são conseqüências de palavras empregadas sem ternura e compreensão. Nossa palavra pode ser um instrumento de edificação das pessoas, de consolo, de animação, de reconciliação e de paz, assim como pode ser uma arma perigosa que semeia discórdia, causa intriga e deprime as pessoas. Na maioria das vezes que utilizamos a palavra dessa forma seus efeitos se voltam, também, contra nós.

Nossas palavras se tornam menos agressivas e trágicas quando conhecemos a Palavra de Deus. Isso não que dizer que na bíblia encontramos o vocabulário adequado para evitar discórdias, mas como a própria Bíblia nos ensina, a “boca fala daquilo que o coração está cheio”. Nesse sentido, o contato com a Bíblia é antes para moldar o coração que para enriquecer o discurso. A Palavra de Deus nos prepara para o diálogo amoroso, a correção fraterna, a denúncia sem ódio e a indignação sem Irá e a constância no Perdão e na misericórdia.

Consumismo implacável e despojamento evangélico: uma relação antagônica.

Nesses últimos anos temos presenciado um enfrentamento entre o discurso oficial da Igreja e alguns dos seus críticos no que se refere à cultura pós-moderna em geral. Os Papas, sobretudo, Bento XVI têm dado ênfase ao relativismo moral exacerbado presente na cultura contemporânea. Já o contra-discurso que confronta o catolicismo apresenta uma crítica à postura demasiadamente dogmática da Igreja que, segundo seus emissores, não mais condiz com os anseios do homem contemporâneo.

Essa tensão não deixa de ser salutar, uma vez que suscita reflexões e esclarecimentos favoráveis para a compreensão do momento de transição que estamos vivendo. No entanto, o acirramento em posturas advindas tanto de fora como do interior da Igreja pode resultar em ações fundamentalistas pouco favoráveis às relações sociais do nosso tempo.

Não há como negar que a relativização foi um processo natural e inevitável, Pois quando a globalização elimina as fronteiras do planeta ela coloca frente a frente, na arena das relações sócio-culturais, os diferentes sistemas de crenças, valores e comportamentos. Logicamente, essa globalização cultural, observada de um lugar identitário específico e que exerceu hegemonia cultural durante séculos sobre uma significativa parcela da população planetária, soará como relativismo.

Vejo que, na tentativa de não naufragarmos, enquanto identidade cristã, na conjuntura atual; mais importante que assumirmos um espírito de cruzadas frente à cultura contemporânea está a necessidade de ficarmos vigilantes para não perdermos valores essenciais de nossa identidade cristã. Não basta uma ação missionária que busque adeptos para o catolicismo, sendo que tais adesões estejam totalmente imersa na lógica consumista que coloca o ter acima do ser. A situação se torna mais grave quando nos deparamos com práticas religiosas que não conseguem fugir dessa regra, nas quais a retórica em torno do alcance da graça nada mais é que um meio de inserção no universo do consumo.

O desafio da missão na atualidade consiste em conviver com o relativismo e consumismo da cultura contemporânea sem, porém, abrir mão do radicalismo evangélico. Mas do que nos dogmas da Igreja, vemos a necessidade de estarmos focados na radicalidade de Jesus. Não temos notícias de que Jesus tenha instituído dogmas religiosos, porém não resta dúvida que ele viveu de forma radical principalmente ao assumir uma postura de despojamento e desprendimento frente às coisas transitórias da vida. Eis aqui, a meu ver o principal antagonismo entre a postura radical da identidade cristã e o caráter volúvel da cultura contemporânea.

Uma das maiores ilusões do nosso tempo está em achar que poderemos eliminar o sofrimento da experiência humana através do mergulho na cultura da diversão, do entretenimento e do consumo ilimitado. Se voltarmos à atenção para as reflexões de Mestre Eckhart, veremos que a fuga ilusória do sofrimento por meio do apego às coisas transitórias resulta em mais sofrimento, pois:

“Todo sofrimento provem do amor àquilo que a perda me privou. Amor às coisas exteriores é igual amor ao sofrimento e ao desconsolo”.

“Deus e a natureza não consentem que haja mal ou sofrimento puro, não há mal que seja mal somente. Todo sofrimento vem do amor e da inclinação. Se sofro por causa de coisas transitórias é porque não amo a Deus totalmente”.

“Na criatura deveríamos amar só o Deus que está nela e só em Deus, deveríamos amar a criatura. Dessa forma, encontraríamos em toda parte a consolação verdadeira e sempre igual” (Eckhart, Livro da Divina Consolação).

Quando escreve o Livro da divina consolação, na tentativa de amenizar o drama vivido pela rainha da Hungria, Mestre Eckhart apresenta três causas para o sofrimento humano:

1. Danos por perdas materiais relacionados aos bens;
2. Danos de natureza afetiva relacionado a perda de parentes e amigos;
3. Danos de natureza existencial relacionado às angustias pessoais, aflições.

Parece-nos claro que na atualidade os danos por perdas materiais e a angustia existencial estão mais em evidência que as perdas de natureza afetiva.

As pessoas parecem não estarem mais dispostas a sofrer por causas das outras.

Uma vez que na perspectiva cristã relação afetiva não implica posse e domínio do outro, os danos de natureza afetiva indicado por mestre Eckhart aparecem na espiritualidade cristã como compaixão, ou seja, o sofrimento que decorre da sensibilidade frente o sofrimento do outro.

Abrir mão de conquistas materiais é sempre a ultima alternativa a ser colocada, ainda que isso provoque stress, desagregação familiar, ansiedade e enfermidades. Embora, em nenhum outro período da história, nunca tenha havido tanta facilidade em resolver problemas de ordem prática, ainda assim, presenciamos um tempo grande vazio existencial.

A proposta de discipulado presente no Evangelho aponta um efeito inverso daquele provocado pela onda de acúmulo e consumismo da contemporaneidade. Para Jesus quanto mais despojamento e desprendimento, mais sentido pra vida e maior possibilidade de comunhão com Deus. Nesse sentido o Papa Francisco inicia sua “Alegria do Evangelho” nos dirigindo as seguintes palavras:

“O grande risco do mundo atual, com a sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. Este é um risco, certo e permanente, que correm também os crentes. Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida. Esta não é a escolha duma vida digna e plena, este não é o desígnio que Deus tem para nós, esta não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado”(EG, 2).

Esse ensinamento do Papa Francisco nos ajuda a recordar que toda experiência espiritual consiste em uma saída de si, enquanto ego centrado em si mesmo, para o encontro com outro, com Deus, com o mundo e com si mesmo, enquanto ser desprendido e livre.

Nesse sentido, diz Mestre Eckhart: Esvazia-te e encherte-as, para acolher a Deus devemos nos esvaziar primeiro. Se o olho, no ato de perceber, tivesse alguma cor ele não perceberia a cor que tem nem a que não tem”

Nolan nos lembra: O que Jesus pedia para aqueles que queriam lhe seguir era um desprendimento total.

Jesus logo os chamou. E eles deixaram seu pai Zebedeu na barca com os empregados e partiram seguindo Jesus. (Mc 1, 17-20)

Eu garanto a vocês quem tiver deixado casa, irmãos, irmãs, mães, filhos, campos por causa de mim e da Boa Notícia, vai receber cem vezes mais. (Mc 10, 20-30)

Para Nolan, o desprendimento em seu verdadeiro significado quer dizer liberdade, liberdade interior. Não teremos liberdade para amar enquanto não estivermos dispostos a deixar de viver agarrados aos nossos bens, de um tipo ou de outro.

Somos acorrentados por uma multiplicidade de coisas: bens, dinheiro, pessoas, a períodos de nossa história, lugares, reputação, imagem, profissões e ministérios, nossas idéias e práticas, ao êxito e a própria vida.

Combater o consumismo e o aprisionamento às coisas materiais a partir de uma progressão espiritual pessoal é parte integrante de nossa vivência cristã, Porém, o Papa Francisco, em sua última encíclica, recomenda que a missão pastoral da igreja apresente algo mais, ou seja, uma postura política contrária ao sistema econômico que se mantém legitimado pela ideologia consumista. Diante disso o Papa propõe um “não” à economia de exclusão:

“Assim como o mandamento «não matar» põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, assim também hoje devemos dizer «não a uma economia da exclusão e da desigualdade social». Esta economia mata. Não é possível que a morte por enregelamento dum idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa. Isto é exclusão. Não se pode tolerar mais o fato de se lançar comida no lixo, quando há pessoas que passam fome. Isto é desigualdade social. Hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco. Em consequência desta situação, grandes massas da população vêem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída”.(EG)

Construindo Referências.

Tendo Jesus chegado às regiões de cesárea e de Filipe, interrogou os seus discípulos, dizendo:

Quem dizem os homens ser o Filho do homem?

Responderam eles: uns dizem que é João, o Batista; outros, Elias; outros, Jeremias, ou alguns dos profetas.

Mas vós, perguntou-lhes Jesus, quem dizeis que eu sou?

Respondeu-lhe Simão Pedro: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo (Mt 16, 13-16).

Embora o centro dessa passagem de São Mateus seja a confissão de Pedro, nos chama atenção o método utilizado por Jesus para extrair a confissão de Pedro: Quem dizem que eu sou? Ou, o que falam de mim?

Em minha fase de discernimento vocacional, não tive oportunidade de conhecer nenhum dominicano pessoalmente, mas escolhi os dominicanos pelo o que ouvia falar deles. Nesse sentido, Felicíssimos Martinez nos ajuda a compreender que a espiritualidade dominicana se manifesta nas narrativas que se constrói a partir de atitudes de misericórdia, caridade e profetismo.

“Toda espiritualidade é mais vida do que discurso. Por conseguinte, o discurso sobre a espiritualidade dominicana deve ser antes de tudo um discurso narrativo. Narrar a vida de domingos e da família dominicana é explicitar a espiritualidade dominicana. Mas nem tudo nessa vida é espiritualidade, porque há capítulos que não estão animados pelo Espírito de Jesus e de Domingos [...] A história e narrativa continuam abertas. Cada geração dominicana, cada comunidade, cada irmão e cada irmã... têm escrito e continuam escrevendo um novo capítulo, por insignificante que seja, desta espiritualidade.”

Tais narrativas vão se constituindo a partir do que há de mais específico na contemplação dominicana: a escuta da Palavra de Deus integrada à compaixão frente o sofrimento experimentado pelos humanos nas realidades onde nos encontramos. Na minha breve experiência na família dominicana do Brasil tive oportunidades de acompanhar alguma dessas narrativas que foram constituídas a partir da experiência contemplativa de frades, freiras e leigos dominicanos.

Algumas reconhecidas internacionalmente como a luta de Frei Henri des Roziers em solidariedade aos trabalhadores rurais no sul do para ou a ação de Dom Tomas Balduino em defesa dos direitos dos povos indígenas e dos camponeses. Outras no anonimato, como a presença de Frei Airton junto aos pobres da periferia de São Paulo que só se tornou público após a sua morte.

O fato é que a contemplação dominicana não se restringe a momentos de êxtases e gozos espirituais, mas trata-se de um processo no qual força da palavra de Deus sensibiliza o espírito e o coração diante da diversidade de dramas enfrentados pela vida humana. Nesse sentido, tal processo não dispensa a análise da realidade espaço-temporal onde os seres humanos vivenciam seus dramas. Em decorrência disso que a militância histórica está constantemente presente na experiência contemplativa dos dominicanos e dominicanas.

Copyright© Ordem dos Pregadores - Frades Dominicanos. Todos os direitos autorias e outros direitos de propriedade intelectual estão reservados aos Frades Dominicanos. Permite-se a reprodução desta publicação, citando a fonte (<http://www.dominicanos.org.br>) porém, sem nenhuma alteração do conteúdo e sem comercialização do mesmo.